

Aluno (a):

Curso:

Professor FRED CARLOS TREVISAN

Data: / / 2022

Performance ou propósito? Na tomada de decisão, o que é mais relevante: motivo ou resultado?

A sociedade da transparência é a sociedade do “tempo transparente”, um tempo sem teleologia e sem conhecimento, onde a realidade não guarda nenhum mistério e negatividade, onde quase tudo se torna pornográfico, segundo o filósofo Han, sem expressão e sentido.

Atualmente vivemos em um período onde tudo pode ser comprado, nesta sociedade do consumo, tudo se torna igual, nas palavras do próprio Han “um inferno do igual”. Fica claro então a grande intenção de Han, uma crítica a essa busca por transparência, por essa operacionalidade que destitui qualquer tipo de ambivalência. De acordo com ele, a sociedade positiva não pode admitir sentimentos negativos, por isso que o amor deve ser domesticado e positivado como uma fórmula de consumo e conforto.

Na sociedade da transparência, cada indivíduo se torna seu próprio objeto de publicidade, você é a propaganda de si mesmo. E, dessa forma, passamos a substituir o *homo mensura* pelo *homo exhibere*, a exposição passa a ser a medida de tudo, “tudo é entregue, nu, sem segredo, à devoração imediata”. Tudo que é um obstáculo à aceleração dos ciclos de informação, da comunicação e da produção devem ser imediatamente descartados. Neste sentido, Han nos lembra que as redes digitais servem de parâmetro e aceleração dessa evidência narcísica.

Nas palavras dele,

“(…) as mídias sociais e os motores de busca personalizados criam na rede um espaço próximo absoluto, do qual o fora foi eliminado. É um espaço onde nos encontramos somente a nós mesmos e aos que se assemelham a nós. Não há qualquer negatividade que torne uma mudança possível. Esta proximidade não apresenta ao participante senão essas secções do mundo a seu gosto. Desse modo, desintegra a esfera pública, a consciência pública, crítica, e privatiza o mundo. A rede transforma-se numa esfera íntima, ou numa zona de bem-estar. A proximidade, da qual toda a distância do longe foi eliminada, é também uma forma de expressão da transparência.”

Na sociedade da transparência, o consumo passa a exercer um papel fundamental, vai muito além do prazer de comprar, o prazer de usar e o prazer de exhibir, ele é um signo de distinção e visibilidade. O indivíduo passa a ser aquilo que ele consome e exhibe, seja nos círculos sociais próximos ou não, como se dissesse “eu sou o que compro”. Uma vez que

consumindo certos objetos, de certas marcas, ele será separado dos não consumidores e incluído entre os consumidores daquela marca e, portanto, passará a ter uma existência social que lhe agrada.

Para o filósofo Han, isso se torna um círculo que aprisiona os indivíduos que passam a sentir a necessidade de mostrar uma felicidade que possa ser mensurável.

Boa leitura!

HAN, Byung-Chul. *A sociedade da transparência*. **Cap. 1**
Sociedade positiva

Sociedade positiva

Nos dias atuais não há mote que domine mais o discurso público do que o tema da transparência. Ele é evocado enfaticamente e conjugado sobretudo com o tema da liberdade de informação. A exigência de transparência, presente por todo lado, intensifica-se de tal modo que se torna um fetiche e um tema totalizante, remontando a uma mudança de paradigma que não se limita ao âmbito da política e da sociedade. Assim, a sociedade da negatividade dá espaço a uma sociedade na qual vai se desconstruindo cada vez mais a negatividade em favor da positividade. Portanto, a sociedade da transparência vai se tornando uma sociedade positiva. As coisas se tornam transparentes quando eliminam de si toda e qualquer negatividade, quando se tornam rasas e planas, quando se encaixam sem qualquer resistência ao curso raso do capital, da comunicação e da informação. As ações se tornam transparentes quando se transformam em operacionais, quando se subordinam a um processo passível de cálculo, governo e controle. O tempo se torna transparente quando é aplainado na sequência de um presente disponível. Assim, também o futuro é positivado

Byung-Chul Han (Pyong-Chol Han) é um filósofo e ensaísta sul-coreano, nasceu em Seul em 1959, professor da Universidade de Artes de Berlim. Han é autor de uma dezena de ensaios de críticas à sociedade do trabalho e à tecnologia.

“O smartphone é hoje um lugar de trabalho digital e um confessionário digital. Todo dispositivo, toda técnica de dominação gera artigos cultuados que são utilizados à subjugação.”



em um presente otimizado. O tempo transparente é um tempo sem destino e sem evento. As imagens tornam-se transparentes quando, despojadas de qualquer dramaturgia, coreografia e cenografia, de toda profundidade hermenêutica, de todo sentido, tornam-se pornográficas, que é o contato imediato entre imagem e olho. As coisas tornam-se transparentes quando depõem sua singularidade e se expressam unicamente no preço. O dinheiro, que iguala tudo com tudo, desfaz qualquer incomensurabilidade, qualquer singularidade das coisas. Portanto, a sociedade da transparência é um abismo infernal (Hölle) do igual. Quem relaciona a transparência apenas com a corrupção e a liberdade de informação desconhece seu real alcance. Ela é uma coação sistêmica que abarca todos os processos sociais, submetendo-os a uma modificação profunda. Hoje, o sistema social submete todos os seus processos a uma coação por transparência, para operacionalizar e acelerar esses processos. A pressão pelo movimento de aceleração caminha lado a lado com a desconstrução da negatividade. A comunicação alcança sua velocidade máxima ali onde o igual responde ao igual, onde ocorre uma reação em cadeia do igual. A negatividade da alteridade e do que é alheio ou a resistência do outro atrapalha e retarda a comunicação rasa do igual. A transparência estabiliza e acelera o sistema, eliminando o outro ou o estranho. Essa coação sistêmica transforma a sociedade da transparência em sociedade uniformizada (gleichgeschaltet). Nisso reside seu traço totalitário, em uma “nova palavra para dizer uniformização: transparência”[2]. A linguagem transparente é formal; sim, uma linguagem puramente mecânica, operacional, que elimina toda ambivalência. O próprio Humboldt já chamara a atenção para a intransparência fundamental que é constitutiva da linguagem humana: “Na palavra, ninguém pensa justa e precisamente aquilo que o outro [pensa], e por menor que seja a diferença, ela oscila, como um círculo na água, e atravessa toda a linguagem. Todo compreender é ao mesmo tempo um não compreender; toda concordância de pensamentos e sentimentos é igualmente uma divergência”[3]. Um mundo que consistisse apenas de informações e cuja comunicação fosse apenas a circulação de informações, livre de perturbações, não passaria de uma máquina. A sociedade positiva é dominada pela “transparência e obscenidade da informação em uma articulação tal, que já não há mais qualquer acontecimento”[4]. A coerção por transparência nivela o próprio ser humano a um elemento funcional de um sistema. Nisso reside a violência da transparência.

A alma humana necessita naturalmente de esferas onde possa estar junto de si mesma, sem o olhar do outro. Pertence a ela uma impermeabilidade. Uma total “iluminação” iria carbonizar a alma e provocar nela uma espécie de burnout psíquico. Só a máquina é transparente; a espontaneidade – capacidade de fazer acontecer – e a liberdade, que perfazem como tal a vida, não admitem transparência. Assim, também Wilhelm Humboldt escreve sobre a linguagem: “No ser humano pode surgir algo cuja razão não encontre

explicação nas circunstâncias precedentes; e feriríamos [...] precisamente a verdade histórica de seu surgimento e transformação se quiséssemos dele excluir a possibilidade dessas manifestações inexplicáveis”[5]. Também a ideologia da post-privacy é algo ingênuo. Em nome da transparência exige a eliminação total da esfera privada, que deve levar a uma comunicação translúcida e repousa sobre inúmeros equívocos. O ser humano sequer é transparente para consigo mesmo. Segundo Freud, o eu nega precisamente aquilo que o inconsciente a firma e deseja irrestritamente. O Id permanece amplamente oculto no Ego. Assim, na psique humana é aberta uma fissura que não deixa o Ego coincidir consigo mesmo. É essa fissura fundamental que impossibilita a autotransparência. Obviamente, entre as pessoas há um fosso divisor. Desse modo, torna-se impossível criar uma transparência interpessoal. Tampouco ela é algo desejável; é justamente a falta de transparência do outro que mantém viva a relação. Nesse sentido, Georg Simmel escreve: “O mero fato do conhecer absoluto, do esgotar o conhecimento psicológico nos torna sóbrios, mesmo sem que tenhamos estado embriagados, paralisa a vitalidade das relações [...]. A profundidade fecunda das relações, que adivinha e preza ainda um algo definitivo e último por trás do último revelado [...], não passa da recompensa daquele tato de finura e autodomínio, que respeita também o que é próprio e privado no íntimo, mesmo numa relação estreita, que abarca o todo do ser humano, e que põe limite ao direito de perguntar pelo direito do mistério”[6]. À coerção da transparência falta precisamente esse “tato de finura” (Zahrtheit), que nada mais é do que o tato do respeito pela alteridade que não pode e não deve ser eliminada completamente. Frente ao pathos da transparência que domina a sociedade atual, seria necessário exercitar o pathos da distância. Vergonha e distância não podem ser integradas no círculo veloz do capital, da informação e da comunicação, para que não sejam eliminados, em nome da transparência, os lugares de refúgio discretos, tornando-se iluminados e saqueados. Com isso, o mundo se torna mais desavergonhado e desnudo. Também a autonomia de um pressupõe a liberdade para a não compreensão do outro. Sennet observa: “em vez de uma igualdade da compreensão, de uma igualdade transparente, autonomia significa que aceitamos o que não se compreende no outro – uma igualdade opaca”[7]. Além do mais, uma relação transparente é uma relação morta, à qual falta toda e qualquer atração, toda e qualquer vivacidade; totalmente transparente é apenas o morto. Reconhecer que há uma esfera positiva, produtiva da existência e coexistência humanas que rege legitimamente a coação por transparência seria um novo iluminismo. Nesse sentido, Nietzsche escreve: “O novo iluminismo. [...] Não é suficiente que vejas em que ignorância vive o homem e o animal; também deves ter, e também aprender, a vontade para a ignorância. É necessário que compreendas que sem esse tipo de ignorância a própria vida seria algo impossível, que ela é uma condição única para o vivente se manter e

prosperar”[8]. Está comprovado que uma maior quantidade de informações não leva necessariamente à tomada de decisões mais acertadas[9]. A intuição, por exemplo, transcende as informações disponíveis e segue sua própria lógica. Hoje, por causa da onda crescente e até massificante de informações, está se encolhendo cada vez mais a capacidade superior de juízo. Muitas vezes um minus de informações ocasiona um plus. Não é raro que a negatividade do abandonar e do esquecer tenha um efeito produtivo. A sociedade da transparência não tolera lapsos de informação nem lapsos visuais, mas o pensamento e a inspiração necessitam de um vazio. A palavra felicidade (Glück) provém da palavra oco (Lücke). No médioalto alemão ainda se diz gelücke (felicidade-fortuna). Nesse sentido, uma sociedade que já não admitisse qualquer negatividade do oco ou da lacuna seria uma sociedade sem felicidade. O amor sem a lacuna do ver é pornografia; sem oco ou lacuna no saber o pensamento decai em cálculo. A sociedade positiva se despede tanto da dialética quanto da hermenêutica, sendo que a dialética repousa na negatividade. Assim, o “espírito hegeliano” não se desvia do negativo, mas o sustenta e o conserva em si. A negatividade nutre a “vida do espírito”; o outro no mesmo, que gera uma tensão negativa, conserva vivo o espírito. Segundo Hegel, ele só é o “poder se olhar ‘no rosto’ o negativo, se se demorar junto a ele”[10]. Esse demorar é a “força mágica que o converte no ser”. Quem se volta contra só por meio do positivo não tem espírito. Este é lento, pois se demora no negativo e o processa para si mesmo. O sistema da transparência elimina toda negatividade para acelerar a si mesmo; o demorar-se junto ao negativo se desvia e evita o precipitar-se vertiginoso no positivo. A sociedade positiva tampouco admite qualquer sentimento negativo. Desse modo, esquecemos como se lida com o sofrimento e a dor, esquecemos como dar-lhes forma. Para Nietzsche, a alma humana deve sua profundidade, grandeza e fortaleza precisamente ao demorar-se junto ao negativo. Também o espírito humano é um nascimento doloroso: “aquela tensão da alma na infelicidade, que nela acende a fortaleza [...], sua inventividade e valentia no suportar, perseverar, interpretar, explorar a infelicidade e a tudo aquilo que só é presenteado a ela em profundidade, mistério, máscara, espírito, astúcia, grandeza não lhe foi presenteado sob o sofrimento, sob a disciplina do grande sofrimento”[11]. A sociedade positiva está em vias de reorganizar a alma humana de uma maneira totalmente nova. No curso e empuxo de sua positivação, também o amor é nivelado em um arranjo de sentimentos agradáveis e de excitações complexas e sem consequências. Assim, em *Lob der Liebe* (Louvor do amor), Alain Badiou chama a atenção para o site de encontros Meetic: “O homem pode estar enamorado sem cair na paixão! (sans tomber amoureux), ou: “É bem simples estar enamorado sem sofrer!”[12] O amor é domesticado e positivado para a fórmula de consumo e conformidade, no qual todo e qualquer ferimento deve ser evitado. Mas sofrimento e paixão são figuras da negatividade. De um lado eles

evitam a fruição do que não é negativo; de outro, em seu lugar entram perturbações psíquicas como esgotamento, cansaço e depressão, que remontam em última instância ao exagero de positividade. Também a teoria no sentido enfático é uma manifestação da negatividade. Ela é uma decisão que estabelece o que pertence a ela e o que não. Enquanto uma narrativa altamente seletiva, ela traça uma senda de distinção. Em virtude dessa negatividade, a teoria se torna violenta. Ela está “destinada a impedir que as coisas se toquem” e “separar aquilo que está misturado”[13]. Sem a negatividade da distinção é inevitável que as coisas cheguem à proliferação e à promiscuidade generalizada. Nesse sentido, a teoria se avizinha da cerimônia, que separa o iniciado do não iniciado. É um erro admitir que a massa positiva de dados e informações, que hoje cresce monstruosamente, torne supérflua a teoria, que o nivelamento de dados substitua os modelos. A teoria como negatividade está estabelecida antes dos dados e informações positivos, como também dos modelos. A ciência positiva, baseada em dados, não é a causa, mas a consequência do m da teoria iminente, em sentido próprio. A teoria não pode ser simplesmente substituída pela ciência positiva. A esta falta a negatividade da decisão, que é a única que decide o que é ou deve ser. A teoria como negatividade faz com que a realidade se manifeste ela própria, cada vez de modo diferente e de súbito, no qual aparece uma nova luz. A política é um agir estratégico. Já por causa disso lhe é própria uma esfera oculta. Uma total transparência iria paralisá-la. Assim, o “postulado da publicidade [segundo Carl Schmitt] tem seu opositor específico na ideia de que pertencem àquela política arcana mistérios técnico-políticos que são de fato tão necessários ao absolutismo como os mistérios dos negócios e das empresas para uma propriedade privada e para a vida econômica, que se baseia na concorrência”[14]. Somente na teatocracia é que a política aparece sem mistérios. Aqui a ação política dá espaço à mera encenação. Segundo Schmitt, a “plateia de Papageno” faz desaparecer o arcano: “O século XVIII ousava apresentar excesso de autossegurança e o conceito aristocrático do mistério. Em uma sociedade com essas características não há ‘arcãos’, hierarquia, diplomacia oculta e sequer qualquer política, pois os ‘arcãos’ fazem parte daquela grande política. Tudo deve desenrolar-se frente ao cenário (frente a um palco de Papageno)”[15]. Nesse sentido, o m do mistério seria o m da política, e Schmitt chega a afirmar que a política precisa de mais “coragem para o oculto”[16]. O partido dos piratas, como partido da transparência, faz avançar a póspolítica, que se equipara à despolitização. É um antipartido, o primeiro partido sem cor. A transparência não tem cor. Nela, as cores não são admitidas como ideologias, mas apenas como opiniões desprovidas de ideologia. E opiniões não têm consequências, não são mordentes e penetrantes como as ideologias, faltando-lhes a negatividade repercutiva. Assim, a atual sociedade da opinião deixa intocado aquilo que já existe. A exibibilidade da liquid democracy consiste em trocar cores, dependendo

da situação, e o partido dos piratas é um partido de opinião sem cores. A política dá lugar à violência das necessidades sociais, que deixa intocados os quadros das relações socioeconômicas já existentes, aferrandose nesse propósito. Enquanto antipartido, o partido dos piratas não está em condições de articular uma vontade política e produzir novas coordenadas sociais. A coerção por transparência estabiliza o sistema existente de maneira bastante efetiva. Em si a transparência é positiva. Dentro dela não se encontra qualquer negatividade que pudesse colocar em questão o sistema político-econômico vigente; ela está cega em relação ao lado exterior do sistema; simplesmente confirma e otimiza o que já existe. Por isso, a sociedade da transparência caminha de mãos dadas com a pós-política. Totalmente transparente só pode ser o espaço despolitizado. A política sem referência desanda em referendo. O veredicto da sociedade positiva é este: “Me agrada”. É significativo que o facebook se negue coerentemente a introduzir um emotion de dislike button. A sociedade positiva evita todo e qualquer tipo de negatividade, pois esta paralisa a comunicação. Seu valor é medido apenas pela quantidade e velocidade da troca de informações, sendo que a massa de comunicação também eleva seu valor econômico e veredictos negativos a prejudicam. Com like surge uma comunicação conectiva muito mais rápida do que com o dislike. Transparência e verdade não são idênticos. A verdade é uma negatividade na medida em que se põe e impõe, declarando tudo o mais como falso. Mais informação ou um acúmulo de informações, por si sós, não produzem qualquer verdade; faltam-lhes direção, saber e o sentido. É precisamente em virtude da falta de negatividade do verdadeiro que se dá a proliferação e massificação do positivo. A hiperinformação e hipercomunicação gera precisamente a falta de verdade, sim, a falta de ser. Mais informação e mais comunicação não afastam a fundamental falta de precisão do todo. Pelo contrário, intensifica-a ainda mais.